

## SESQUICENTENÁRIO DE ALBERTO DE OLIVEIRA: VIAGEM ECOLÓGICA PELO ESTADO DO RJ

Camillo Cavalcanti (UFRJ)

**RESUMO:** A obra de Alberto de Oliveira confere à natureza um estatuto de organismo divino e germinativo, corpo da criação em permanente diálogo com o Criador, numa experiencição multifacetada e plurissignificativa, porque a vida e a viagem se confundem na experiência do ser (poeta), pois, desde a infância, o poeta conhece um fluxo migratório -- por entre recantos naturais -- duradouro, portanto, extremamente relevante: Saquarema, Itaboraí, Niterói, de onde projetou carreira para o Rio de Janeiro, capital, e Petrópolis. Por-se-á em xeque a relevância das lonjuras geográficas, ressaltando a importância dos deslocamentos intra-subjetivos motivados pela diferença entre lugares às vezes próximos. Transitar por ambientes urbanos e rurais permitiu ao sujeito compreender e valorizar a natureza em sua dimensão mais originária, poética e sagrada, com sua plenitude vital geradora em permanente intercâmbio com a transcendência.

**Palavras-chave:** Alberto de Oliveira – poeta parnasiano – lírica.

Alberto de Oliveira era um viajante de alto porte, como as palmeiras, que ele ambicionava parecer e ser. Era, comparado, pela mentalidade modernista, ao “sapo-tanoeiro, parnasiano aguado”<sup>1</sup>. Poucos sabem que esse poeta parnasiano conhecia não só os sapos-tanoeiro, como também as inambus, os anuns, as íbis. Sua vida foi marcada por viagens de curta e longa distâncias, ensejos para conhecer os recantos de nossa terra.

A primeira grande viagem de Alberto de Oliveira se dá em revés: nasceu em Saquarema, cuja memória anciã sobre a infância buscará recuperar numa poesia da saudade e da ruína, já no final da obra. Mas falemos do começo: viajando à Itaboraí, lá empreende uma viagem dissonante: a viagem intelectual a partir das leituras feitas na Biblioteca Pública. Conhece os versos de Fagundes Varela e Casimiro de Abreu, cujas influências regionalistas quanto ao Interior Fluminense hoje nos surgem mais claras, longe da via modernista que, não obstante parece ainda ecoar. Itaboraí é festejada em suas *Poesias*, através do poema “Pedra-Açu”, lugarejo onde o poeta/sujeito-lírico se apaixona.

A viagem não se resume em deslocamentos de distâncias físicas. Todo mergulho às diversas paragens do ser é uma viagem diferente, nas quais o imaginário e a potência de linguagem se encarregam de promover os deslocamentos. Saímos do real concreto rumo a instâncias mais ricas e edificadoras — mais humanas.

Mas a biografia de Alberto de Oliveira não exclui as viagens entre lugares. Tal qual o desconhecimento sobre a afinidade do poeta com nossa terra, muitos também sequer imaginam que o poeta “impassível”, alheio aos problemas cotidianos, trabalhou incansavelmente pela Educação, quando exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, equivalente ao atual Secretário de Estado. A convite do Governador da Província do Rio de Janeiro, foi a Petrópolis acompanhando a transferência da Capital Niterói, devido às insurreições pró e contra a República recém instaurada.

Em Petrópolis, Alberto de Oliveira entrou em contato com a pujança das matas serranas, conhecendo de perto o tenebroso mistério da Serra dos Órgãos. Como se vê, deslocamento de fato em curta distância, não obstante a imensa diferença entre o que se é e o que se convive, entre o que se sabe e o que se aprende. A mudança é radical: de uma paisagem urbana para uma natural, Alberto de Oliveira, de certa forma, se aproxima novamente do seio natural, após longos anos de afastamento da Saquarema rural e campestre. A influência dessa experiencição com a natureza

<sup>1</sup> Cf. BANDEIRA, Manuel. “Os Sapos”. in: *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973 (p. 51). Esse poema, recitado na Semana de Arte Moderna, influenciou deveras a mentalidade modernista, ao lado dos “Mestres do Passado” e “Carta Aberta a Alberto de Oliveira”, ambos de Mário de Andrade.

inspira sobretudo o livro *Flores da Serra*, da 2ª série das *Poesias*, cujos primeiros versos são do poema “Solidão”:

Há um ano quase esta montanha habito.  
Busquei-a, não por distração fugace,  
Mas por que, só, neste ermo, face a face  
Com o céu, de pé, num cimo de granito,

— Degrau de altar donde com a manhã pura  
Se evola o incenso — à Solidão pedisse  
Que entre penhascos ásperos me abrisse  
Túmulo imenso ao meu sofrer sem cura.  
(OLIVEIRA, 1978: II, 287)

Note-se que a visão do Eu a respeito da natureza entende a dimensão ecológica porque encontra no real a manifestação transcendente do sagrado: é o altar. Desse altar, um incenso paira, como lançasse o cheiro tão herbáceo quanto místico, porque, disperso no ambiente, quase invisível, percebe-se ou se intui sua presença. Presença de quem? Do divino.

Maravilhado e agraciado por essa terra, o Eu se sente acolhido, cogitando a Cura de seu sofrimento. É uma estada para tratamento, um medicar-se, um cuidar-se do espírito envolvido nessa experiencição iniciática (mística) e transcendental com e pela natureza. É um encontro com a *physis*, da qual o próprio Eu participa, dando-se conta de que esse infinito é esporulado de manifestações, experiencições, partes ocultas e descobertas diante do Eu, tudo o que se sabe e o que não se sabe, o que se vela e se desvela.

Como quem sai daqui leva consigo  
Vivo e constante o cheiro destas flores,  
De lá, sobrenadando às minhas dores,  
A idéia da que amei trouxe comigo.  
(idem, ibidem)

O Eu entende que sua experiência se faz em diálogo com a *physis*, mas não é a *physis*: “quem sai daqui leva consigo [...] o cheiro destas flores”. O cheiro é a representação poético-metáforica da percepção das flores, percepção que forma a experiência do Eu, mas não são as próprias flores.

Nessa **dimensão ecológica** são tratadas as fontes naturais na obra poética de Alberto de Oliveira, seja da Serra dos Órgãos, seja de Itaboraí, seja de Saquarema. Esta cidade natal é rememorada como uma “Praia Longínqua”:

— “Ao mar! ao mar! — Em vagalhões na praia  
Arrebatando em flor, ah! tão distante,  
Na azul distância, se resolve o mar!  
Ela, anelante e pálida, desmaia,  
E lança em torno, exausta e delirante,  
Alucinado olhar.

(OLIVEIRA, 1978: II, 166)

Quem já visitou Saquarema, sabe que o mar é extremamente bravio naquelas praias. Com esse turbilhão de força natural, convive uma mulher, cidadina, que expressa sua brasilidade no *modus vivendi* peculiar daquela região, como devem ser os índices de nacionalidade observados por autores de fato nacionais e não nacionalistas, visto que o Brasil é mesmo um país multifacetado, não se prestando a um modelo esquadrihado de identidade.

A esse respeito, Alberto de Oliveira apresenta uma obra que procura entender essa diversidade naquilo que dela é próprio, e não sufocá-la com uma projeção ideológica, porque ele, visitando ainda lugares mais distantes como Araxá<sup>2</sup>, São Paulo<sup>3</sup> e até mesmo Curitiba,

<sup>2</sup> O poeta escreveu carta a Jorge Jobim, datada de Araxá. (cf. “Alguma Prosa” em OLIVEIRA: III, 1979)

<sup>3</sup> O poeta foi proferir a famosa conferência “O Culto da Forma na Poesia Brasileira”. (cf. SERPA, Phocion. *Alberto de Oliveira*. Rio de Janeiro: S. José, 1957)

transubstanciou em versos o diálogo entre homem e natureza. Talvez devido a essas tantas viagens, o poeta pôde perceber os diversos tipos de pessoa humana, constatando que cada uma via o mundo de uma forma, o que lhe proporcionou, quem sabe, o entendimento dessa dimensão ecológica, que punge por trás das amarras racionalistas de positivação da realidade.

***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias completas (ed. crit. Marco Aurélio Mello Reis)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1978-79. (3 vols.)